

TRADUÇÃO DO SUJEITO NEGRO E DO TEXTO AFROPOLITANO NO CONTO
THE ARRANGERS OF MARRIAGE, , DE CHIMAMANDA ADICHIE, VERTIDO
PARA O PORTUGUÊS COMO *OS CASAMENTEIROS*.

José Endoença Martins
Centro Universitário Unifacvest

Resumo

Além de especular sobre a possibilidade de utilizar o conceito literário da *Signifyin(g)* de Gates (1988) como conceito tradutório (MARTINS, 2013), este artigo desenvolve prática de análise literária do conto *Os Casamenteiros/The Arrangers of Marriage*, de Adichie, sob a dupla perspectiva das confluente traduções do sujeito negro através do conceito da *Negrice* e do texto negro por meio do conceito da *Paralatio*. A justificativa para esta especulação teórico-prática advém da caracterização que Gates faz da *Signifyin(g)* como conceito balizador da dupla vocalidade da literatura negra, e de Exu como orixá detentor da tripla vocalização da tradução negra. *Signifyin(g)* e Exu entram aqui como fenômenos da dialogia interracial e interlingual negra, capaz de permitir que sujeitos e textos negros conversem entre si, por meio da imitação, revisão, repetição e diferença tropológicas.

Palavras-Chave: Signifyin(g), Exu, negrice, paralatio, dupla vocalidade, triangulação.

Abstract

In addition to speculating on the possibility of using Gates's (1988) literary concept of *Signifyin(g)* as a translational concept (MARTINS, 2013), this article develops the practice of literary analysis of Adichie's short story *The Arrangers of Marriage/Os Casamenteiros*, under the double perspective of the confluent translations of the black subject through the concept of *Negrice* and the black text through the concept of *Paralatio*. The justification for this theoretical-practical speculation comes from the characterization that Gates makes of *Signifyin(g)* as a concept that guides the double-voicedness of Black literature and Eshu as the orisha that holds the triple vocalization of the black translation. Both *Signifyin(g)* and Eshu enter here as phenomena of black interracial and interlingual talk, capable of allowing Black subjects and texts to converse through tropological imitation, revision, repetition, and difference.

Keywords: Signifyin(g), Eshu, negriceness, paralatio, double-voicedness, triangulation.

1. Comentários Introdutórios.

No artigo, desenvolvo estudo da tradução de mulher e narrativa afropolitanas, representadas no conto *The Arrangers of Marriage* (ADICHIE, 2017), vertido para o português do Brasil como *Os Casamenteiros*. Inicialmente, breve olhar sobre o título leva o leitor a considerar duas modalidades de tradução da experiência afropolitana em países ocidentais e a produção literária que sujeitos afropolitanos da estatura artística de

Chimamanda Ngozi Adichie vêm desenvolvendo globalmente. No título, a modalidade racial engloba a tradução de personagem afropolitana, cuja identidade rearticula a nacionalidade nigeriana e a cidadania americana. A modalidade lingual inclui a tradução da narrativa afropolitana *Os Casamenteiros*, enfatizando as conexões linguísticas entre a língua inglesa e o idioma português.

De uma perspectiva geral, a tradução racial de sujeitos afropolitanos é mediada pela migração espacial, psicológica, cultural e interracial. Na pós-modernidade, a tradução resultante de deslocamentos diaspóricos é julgada por Hall (2006) como "uma celebração móvel" de múltiplas orientações. Tendo-se, em mente, a dispersão de pessoas africanas pelo mundo ocidental, pode-se admitir que as experiências do sujeito afropolitano na Europa, ou nos Estados Unidos, permitem que se avalie, criticamente, a mobilidade racial e cultural desses migrantes em três modalidades distintas de identidade: (1) ou se integram culturalmente aos países ocidentais que escolhem para morar ou viver; (2) ou se mantêm fiéis aos valores culturais das nações africanas que deixaram para trás; (3) ou, ainda, procuram fundir suas raízes africanas originais com os valores culturais que abraçam nas cidades ocidentais, mesclando os dois mundos.

Apesar de sua inserção em uma tripla dimensão, a qualidade real da expressão “uma celebração móvel”, associada à construção da identidade efetiva e à tradução, só se ativa através da terceira alternativa, aquela que mescla as duas posições contrastantes entre adesão à branquidade e pertencimento à africanidade. A opção pelas alternativas antagônicas coloca, identitariamente, os candidatos aquém do escopo de uma tradução efetiva como a preconiza Hall (2006). Na perspectiva transcultural proposta pela terceira variedade identitária, os postulantes se hibridizam. Da forma como Hall explica a hibridização identitária, esses candidatos “mantêm fortes vínculos com os locais de origem e suas tradições (modalidade um), mas não têm a ilusão de um retorno ao passado” (modalidade dois). Em outras palavras, quando abraçam os produtos, valores, ideias e atitudes de duas tradições distintas e opostas, esses sujeitos híbridos, ou crioulistas, procuram “negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente ser assimilados por elas e sem [tampouco] perder completamente suas identidades.” (modalidade três). O que impede a integração total com a nova cultura e o consequente abandono da identificação com suas raízes rácio-culturais originais é o fato de que tais sujeitos diaspóricos “carregam os traços das culturas, tradições, linguagens e histórias particulares pelas quais foram marcados.” (HALL 2006, p.88-89) O poder de tal

identificação cultural múltipla –triangulação identitária– os transforma em sujeitos múltiplos que não têm permissão para reivindicar uma única identidade, unificada ou exclusiva. Quando essa identidade tridimensional de deslocamento racial se aplica a sujeitos negros em geral, ou a migrantes africanos em particular, a hibridização – a criouliização – translacional é denominada tradução racial, que será tratada, neste artigo, sob os auspícios dos três conceitos distintos da *Negrice*, *Negritude* e *Negritice*, respectivamente. As três personagens centrais de *Os Casamenteiros* – os nigerianos Chinaza e Bell e a afroamericana Nia – se enquadram nesses três conceitos, personificando, assim, a “celebração móvel” de Hall, no âmbito afropolitano desta ficção curta.

Adicionalmente, neste artigo, a tradução racial reivindica a companhia da tradução lingual como complementariedade linguística da experiência cultural, permitindo, assim, que a tradução da subjetividade negra (personagens) e a da textualidade negra (conto) se complementem e se suplementem. Portanto, em paralelo com a versão tridimensional de Chinaza, Bell e Nia, o processo da passagem do conto *The Arrangers of Marriage* para *Os Casamenteiros* também ilustra três movimentos distintos, avançando entre a domesticação, a estrangeirização e a hibridização da narrativa entre o inglês e o português brasileiro, a fim de fazer a versão original dialogar com o texto derivado, em termos de diferença, semelhança e mescla. Na defesa teórica da orientação híbrida da tradução lingual, Kruger (2009) sustenta a validade das "misturas complexas e polifônicas do doméstico e do estrangeiro, do familiar e do estranho, da alteridade e do eu", todos esses pares amalgamando a distância entre as línguas envolvidas, a proximidade e a mistura entre os textos de partida e de chegada. Em semelhante triangulação interlingual ou intertextual, afirma Kruger, tanto os escritores quanto os leitores são responsáveis pela "reformulação contínua da tradução como discurso entre outros discursos". A autora não apenas revela firme convicção de que o estudo da tradução da literatura pode lucrar muito com abordagens teóricas híbridas, mas também profetiza fortemente que os tradutores da literatura “tendem a abordar a tradução dessa forma híbrida, como uma mistura flexível e em constante mutação de estratégias domésticas (...) e estratégias de estrangeirização.” (KRUGER 2009: p. 174) Do ponto de vista de Kruger, em que a análise da tradução textual considera a presença da triangulação entre o familiar, o estranho e o híbrido, o deslocamento do texto original na língua **A** para sua versão traduzida no idioma **B** requer esses três movimentos intertextuais. Além disso, neste caso específico do conto de Adichie, como a tradutora brasileira Júlia Romeu fornece uma versão reescrita para

a escrita original, seu projeto de tradução pode ser examinado de acordo com uma conceituação pessoal que contempla minha categorização translacional do termo *Paralatio* [ficando *Similatio* e *Translatio* para futuros estudos].

2. Adichie explora o feminismo afropolitano em *The Arrangers of Marriage*

Em seu artigo *Bye-Bye Babar*, Selasi (2005) descreve os sujeitos afropolitanos, incluindo-se entre eles, como “a mais nova geração de emigrantes africanos, chegando em breve ou já reunidos em um escritório de advocacia/laboratório químico/lounge de jazz perto de você.” Além dessa caracterização inicial, a autora acrescenta que esses emigrantes misturam, de forma divertida, “moda londrina, jargão nova-iorquino, ética africana e sucesso acadêmico.” Adicionalmente, Selasi esclarece os leitores sobre as misturas étnicas, exemplificando que a mescla racial do afropolitano avança do ganês ao canadense, ao nigeriano e ao suíço. Aqueles sujeitos que ela define como “outros meramente vira-latas culturais” misturam “sotaque americano, afeto europeu, etos africano.” No entanto, uma característica notável que os afropolitanos compartilham, segundo a autora, é a de que “são usuários multilíngues” de inglês, línguas latinas e línguas nativas africanas, junto com “alguns vernáculos urbanos.” (SELASI, 2005, p. 76) Em termos raciais, sustenta Selasi, os afropolitanos assumem ser “negros, birraciais, de nenhum deles”, o que depende da política, não da pigmentação, mas varia em função “da forma como fomos criados, seja próximos a outras pessoas pardas ou removidas” ou “onde nos situamos na história que produziu a afropolitanidade e os processos políticos que continuam a moldá-la.” (SELASI, 2005, p. 76). Apesar de viverem como africanos em países ocidentais, os sujeitos da afropolitanidade pensam que seu sucesso acadêmico, profissional, ou literário poderia servir melhor à África e aos africanos que vivem no continente negro. Perguntas cruciais martelam suas cabeças: indagações como “quando o talento será repatriado? Que estilos de vida aguardam os jovens profissionais em casa? Como investir no futuro da África?” (SELASI, 2005, p. 76).

Além da criadora do neologismo, outros teóricos se debruçam sobre a proposta do *Afropolitanismo*. Bastida-Rodrigues (2019), por exemplo, coteja a visão filosófica de Mbembe e a perspectiva artística de Selasi sobre o termo. Assevera, então, que, enquanto Mbembe “defende que o Afropolitanismo define as culturas africanas desde os tempos pré-coloniais”, Selasi “o interpreta como um fenômeno estritamente pós-colonial.” (BASTIDA-RODRIGUES, 2019, p. 23). Entre uma e outra extremidades colonialistas, a relação de

Adichie – uma das mais celebradas escritoras do movimento – com o *Afropolitanismo* é ambígua, atitude reticente que diz muito sobre os alcances e as limitações do termo em dar conta de como o africano diaspórico enxerga a África e de como se vê africano, em uma contemporaneidade marcada por ansiedades identitárias. Por exemplo, o fato de Selasi reclamar o termo e de Adichie o rejeitar como estilo literário ou atitude identitária, “não parece suficiente”, de acordo com Toivanen (2019), “para dissociá-las da categoria.” (TOIVANEN, 2019, p. 85). A associação que Mbembe (2015) faz entre Afropolitanismo e a África pré-colonial procura distanciar a estética contemporânea do panafricanismo e da negritude para, em seguida, assegurar que “o afropolitanismo é uma estilística, uma estética e uma certa poética do mundo.” (MBEMBE, 2015) sugere que, de um lado, os atores afropolitanos rejeitam a vitimização, sem deixar de reconhecer as injustiça e as violências perpetradas pelo colonialismo ocidental, e seus agentes, contra no povo negro, dentro e fora da África. E completa com um olhar sobre o movimento em consonância com a percepção de que o afropolitanismo deseja ser visto como “uma tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral.” (MBEMBE, 2015, p. 70-71)

Embora rejeite ser catalogada como artística afropolitanista, no conto *The Arrangers of Marriage* [Os Casamenteiros], Adichie parece ter absorvido algumas características afropolitanas. Essa atitude ambígua de rechaço filosófico e adesão estética de Adichie às premissas afropolitanas apresentadas por Selasi (2005) e Mbembe (2015) parece perder sua ambiguidade na personagem Chinaza, a mulher nigeriana do conto que se muda para Nova York quando se torna a nova esposa de um homem nigeriano, estudante de medicina na cidade. Se Adichie se tornou explícita ou implicitamente uma escritora afropolitanista ou não, literariamente é referenciada como a ficcionista afropolitanista que divide sua agenda literária e política em relação à militância literária e feminista entre a Nigéria, seu país natal, e os Estados Unidos, o país que decide adotar. A partir de Lagos e de Nova York, Adichie consegue expressar e difundir ideias sobre a afropolitanidade literária e o feminismo negro, os dois conceitos com os quais lidarei neste artigo, ao analisar o conto, em conexão com sua tradução, em 2017, para o português brasileiro como *Os Casamenteiros*.

A carreira literária de sucesso de Adichie começa com a obra ficcional *Purple Hibiscus* [*Hibisco Roxo*] de 2004 e se consolida com o romance *Americanah* de 2014, dois romances muito aclamados por leitores e críticos de todo o mundo. Aqui, entre seus leitores e admiradores brasileiros, sua obra literária vem sendo traduzida, lida, estudada e utilizada

como uma valiosa arma energizante para a mobilização social e racial de feministas negras brasileiras e, também, de mulheres militantes. Em 2015, seu ensaio crítico de 2013, *We should all be feminists*, é traduzido para o português brasileiro como *Sejamos Todos Feministas*, e sua coleção de contos de 2010, *The Thing Around your Neck*, aparece em nossa língua como *No Seu Pescoço*, em 2017. Quanto ao ensaio de Adichie sobre feminismo, a tradutora brasileira Christina Baum, destaca a luta da ensaísta em prol da “igualdade de gênero” da militante “mulher e nigeriana” e argumenta que “tal igualdade diz respeito a mulheres e homens”, pelo fato de “ser libertadora para todos.” Baum encerra seus comentários afirmando não apenas que “as meninas também poderão assumir sua identidade, ignorando as expectativas dos outros”, mas insiste em que “os meninos também poderão crescer livres, sem ter que se encaixar em estereótipos de masculinidade.” (BAUM, 2015, p.01) Sobre *The Thing Around your Neck*, a coleção de contos, a tradutora brasileira Júlia Romeu enfatiza que Adichie é uma “escritora premiada” que consegue retratar “o choque entre duas culturas” que traz consequências “para a alma humana.” Além disso, Romeu explica que, como essas breves histórias estão “imbuídas de beleza, tristeza e esperança”, retratam “um profundo esforço para reconciliar forças conflitantes.” Ela encerra sua avaliação da realização literária de Adichie enfatizando que essas narrativas curtas confirmam “a literatura como um espaço de troca por excelência.” (ROMEU, 2017, p. 01)

Tanto o ensaio de Adichie sobre o feminismo negro quanto seus contos atestam a qualidade literária de uma escritora negra que também pode configurar como artista afropolitana, embora rejeite catalogar-se como tal. Neste sentido, ao recapitular as ideias de Selasi (2005) sobre a afropolitanidade, Li (2018) explica que um sujeito afropolitano é um migrante africano, o filho ou a filha que, desde os anos 1960, vive em países ocidentais e, como resultado das múltiplas experiências diaspóricas que experimenta, consegue construir uma referência de identidade múltipla. Assim, o sujeito afropolitano, Li acrescenta, “nunca se vê reduzido a uma única identidade, mas, em vez disso, triangula entre, pelo menos, três dimensões: nacional, racial e cultural.” A confluência do nacional, do racial e do cultural na experiência do detentor de afropolitanidade, afirma Li, ajuda-o a assumir uma variedade de identificações de forma adequada, não apenas evitando limitações de identidade, mas também oportunizando “uma forma de acabar com concepções essencializantes de raça.” (LI, 2018, p. 22). O desafio de não “essencializar concepções de raça” é um aspecto que une Li a Hall (2006). A noção que Hall traz para a construção da identidade como “uma celebração móvel”

também luta contra qualquer aspiração de formação de identidade baseada em essencialismo racial ou cultural. Ao defender aqueles sujeitos pós-modernos que rejeitam a “identidade fixa, essencial ou permanente”, Hall os coloca em constante mobilidade pelos distintos encontros interculturais com que são levados a lidar e negociar. Ele explica que "a identidade se torna uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados ou tratados nos sistemas culturais que nos rodeiam." (HALL 2006, p.13)

Tendo a rejeição de Li (2018) e de Hall (2006) aos essencialismos identitários como orientação filosófica, este estudo pretende mostrar como os arranjos de casamento ficcionalizados por Adichie (2010/2017) nos permitem perceber, em *Os Casamenteiros*, três identidades afropolitanas distintas, englobadas pela nigeriana Chinaza, pela afroamericana Nia e pelo nigeriano Bell. Vivendo em Nova York com pouca atenção do marido Bell, a protagonista Chinaza encontra apoio e amizade na afroamericana Nia. Li descreve como Adichie retrata a identificação da personagem Chinaza com os ancestrais negros e com outras mulheres negras, o que tende a empoderar as comunidades negras:

A ênfase de Adichie na amizade entre Chinaza e Nia oferece uma nova maneira de conceituar a identidade negra para os imigrantes africanos. Embora o ancestral seja um meio importante de identificação para o afro-americano, Adichie sugere que a amizade feminina é uma forma mais útil de imaginar o relacionamento entre negros de várias origens nos Estados Unidos. (...) O encontro entre mulheres negras fornece o tipo de comunidade e apoio necessário para sobreviver aos desafios da América (e) sugere que a experiência imediata de raça apresenta um poderoso ponto de semelhança para mulheres negras de nacionalidades diferentes. (LI, 2018, p. 133)

3. Signifyin(g), Negritice e Triangulação Racial

Esta parte do artigo visa contribuir para a compreensão do entrelaçamento prático e teórico da triangulação tradutória de raça e língua envolvendo a *Signifyin(g)*, a *Negritice* e a *Translatio*. Cada um desses conceitos reforça sua validação de análise em consonância com a expressão iorubá “*dois, isso torna-se três.*” (GATES, 1988, p. 37) No conto *The Arrangers of Marriage/Os Casamenteiros*, graças às suas especificidades de identificação racial comum/distinta, os personagens Chinaza, Nia e Bell dialogam com base nas semelhanças, diferenças e misturas interracialis que trazem para a narrativa, interpretando, assim, concretamente, a perspectiva que Gates assume na expressão iorubá *dois, isso torna-se três.*

Em outras palavras, como os três refletem uma trindade de identidade, a sobreposição transracial de Nia e Bell, em suas diferenças e semelhanças negras, se acomoda em Chinaza. Ou seja, a adesão de Nia a valores negros-africanos e a inclinação de Bell a valores brancos-americanos se hibridizam na aceitação simultânea de Chinaza de valores africanos e angloamericanos em operação em Nova York.

Nos contornos analíticos da discussão transracial matizando os três personagens negros, o conceito da *Signifyin(g)* de Gates (1988) deve ser visto como um desenvolvimento teórico da africanidade, ao esclarecer a associação entre a tradição negra do *Livro Falante* (*Talking Book*) e a conversa intertextual que o orixá Exu simboliza. Gates diz que a noção do *Livro Falante* envolvendo duas vozes negras que tem um papel significativo tanto na tradição negra quanto em Exu. No que diz respeito à tradição negra em geral, podemos dizer que existe o fenômeno da *Africanidade Falante*. No entanto, quando se pensa na literatura negra em particular, trata-se o evento como o *Livro Falante*.

No âmbito da *Africanidade Falante* e *Livro Falante*, fica patente a presença de um processo de *chamada-e-resposta* (*call-and-response*) envolvendo fenômenos raciais e literários que dinamizam as conversas e conversões interracialis de tradições distintas e o diálogo intertextual dos textos, pois a *Signifyin(g)* apresenta duas vozes, e Exu possui duas bocas. Quando lidamos com a *Africanidade Falante*, uma tradição chama e a outra responde, a tradição de resposta tornando-se um fenômeno de “re-tradição”; quando nos referimos ao *Livro Falante*, escrever é a chamada e reescrever é a resposta. Como resultado, tanto os fenômenos de tradição e re-tradição quanto os eventos de escrita e reescrita são os elementos cruciais envolvidos nos discursos teóricos e nas experiências práticas do conceito de *Signifyin(g)* e do orixá Exu.

No centro da dinâmica que orienta o processo de “chamada-e-resposta” articulador da dialogia da *Signifyin(g)* e Exu, o enquadramento e a reformulação da *Africanidade Falante* e do *Livro Falante* trabalham exaustivamente sob a energia dos poderes discursivos e objetivos de transracialização e de tradução textual. Como resultado, a dupla perspectiva de Exu e a dupla voz da *Signifyin(g)*, resultantes da elaboração conceitual fundamental de Gates (1988), trazem para esta discussão uma reflexão profunda sobre como minha análise pretende considerar a tradução racial e textual: como um débito teórico às ideias de revisão, imitação, repetição e diferença. Em relação a esses quatro aspectos, Gates se posiciona e afirma que

A metáfora de um Esu-Elegbara de voz dupla corresponde à natureza de voz dupla da enunciada Signifyin(g). Quando um texto significa sobre outro texto, por revisão tropológica, imitação ou repetição e diferença, o enunciado de voz dupla nos permite mapear relações formais discretas na história literária afroamericana. A Signifyin(g), então, é uma metáfora da revisão textual. (GATES, 1988, p. 88)

Na arena da *Africanidade Falante*, a revisão racial implica a tradução dos sujeitos negros; na esfera do *Livro Falante*, a revisão linguística explicita a tradução dos textos negros. No entanto, Exu, como um conceito translacional, requer a expansão de seu escopo de dualidade para condição de triplo fenômeno. Através do orixá, a tradução racial envolvendo o que é negro e o que é branco, observa Gates (1988), "é, ao mesmo tempo, negra e branca". (GATES, 1988, p. 35). Ou seja, por e com Exu, o "dois" de negro ou branco "torna-se o três" de branco e negro.

Em consonância com a perspectiva trianguladora, segundo a qual "dois, isso torna-se três", temos duas modalidades de tradução: por um lado, traduzir a triplicidade racial compreende a presença dos conceitos da *Negrice*, *Negritude* e *Negritice*; do outro, no âmbito da tradução lingual, operam as noções de *Paralatio*, *Similatio* e *Translatio*. Quanto à trindade racial na tradução, devo lembrar o leitor que, em 2003, analisei os contornos conceituais das três categorias, ressaltando que a soma da *Negritude* e da *Negrice* levaria à *Negritice*, situação aqui representada pela equação **NEGRITude** + **negrICE** = **NEGRITICE**. A definição que eu, então, forneci para todos os três conceitos mostrava que "Negritice – combinando os aspectos positivos da Negritude e as configurações negativas da Negrice– é o conceito que marca as discussões sobre raça na literatura que venho produzindo desde 1993, quando publiquei meu primeiro romance *Enquanto isso em Dom Casmurro*." (MARTINS 2003, p. 15). Atualmente, acho que dizer que a *Negrice* é, em si mesma, a portadora da negatividade negra e que a *Negritude* está associada à positividade racial é uma distorção na valorização das experiências negras, favorecendo mal-entendidos. Presentemente, acho que seria melhor considerar a *Africanidade* em geral como Morrison (2004) a vê em seu romance *Canção de Solomon* (*Song of Solomon*), na maneira como a tia Pilate a explica ao sobrinho Milkman. Em relação à *Africanidade*, as palavras de sabedoria de Morrison focam na multiplicidade da vida negra, contando aos leitores que "há cinco ou seis tipos de negros" (MORRISON, 2004, p. 40), enfatizando, portanto, as características plurais das experiências dos negros no mundo. Morrison, então, acrescenta a variabilidade dos negros à sua

multiplicidade, escrevendo que “alguns [são] sedosos, alguns, lanosos. Alguns, apenas vazios. Alguns são como dedos.” (MORRISON, 2004, p. 40-41). Por fim, a autora destaca que, além de ser múltipla e variável, a *Africanidade* mostra mobilidade, pois “não fica parada. Move-se e muda de um tipo de preto para outro.” (MORRISON 2004, p. 41)

4. Signifyin(g), Translatio e Triangulação Lingual

Sem abandonar suas características dialógicas estabelecidas pelo conceito da *Negritice* como uma instância de tradução interracial, ou interétnica, a *Signifyin(g)* chega à arena da tradução lingual, intertextual, ou interlinguística, de acordo com as características translacionais reivindicadas pelo conceito da *Paralatio*, uma subcategoria da *Translatio*. Nos parágrafos anteriores, por meio da discussão sobre a *Negrice*, esclareço como vejo a tradução interracial do negro quando ele ou ela se move da africanidade para a branquidade, utilizando o mote Exu que, segundo Gates (1988), se estrutura como “*dois, isto torna-se três*”. Recapturando sua perspectiva principal, gostaria de lembrar ao leitor que a ideia central da *Negrice* é a distinção interracial entre o sujeito negro e o meio cultural branco. A ideia da *Africanidade Falante* controla o encontro entre as duas raças. Essa distinção interracial funciona em associação com a esperança de que a adesão de um indivíduo negro a valores brancos não se eternize, mas permaneça limitada e temporária, e que o negro envolvido retorne, algum dia, às suas sensibilidades raciais originais. Os limites da tradução, influenciados pela mistura inter-racial, se tornam visíveis a partir das interpenetrações linguísticas da tradução que se articulam entre o texto original e a versão traduzida. Esse contato interlinguístico se torna visível sob os auspícios teóricos da categoria *Paralatio*. Conversação interlingual marcada pela diferença entre o texto-fonte e o texto-alvo, a *Paralatio* assemelha-se à *Signifyin(g)* como o convite do *Livro Falante* à experiência do diálogo entre textos.

Tendo em vista as proximidades translacionais entre a minha *Paralatio* e a *Signifyin(g)* de Gates (1988), a pergunta que me coloco é se podemos transformar uma teoria literária – como é o caso da *Signifyin(g)* – em um instrumento teórico para a análise de tradução literária entre diferentes línguas ocidentais, como exige a *Paralatio*. Bem, como concordo com essa perspectiva, explico como a vejo. Como já avançado em parágrafos anteriores, a ideia principal por trás do conceito da *Signifyin(g)* é o processo dinâmico de “*chamada-e-resposta*” que habilita a função intertextual do *Livro Falante*. Um livro pode

falar com outro livro apenas porque existe a "chamada" de um livro anterior à qual o novo livro responde dentro de um processo de dar e receber envolvendo elementos textuais e linguísticos. Para justificar minha decisão de mover a *Signifyin(g)* da tradição literária afroamericana para o reino da tradução negra e linguística, recorro a Gruesser (2007), pensador dos estudos literários, e a Lefevere (2007), teórico dos estudos da tradução, cujas ideias podem contribuir para o esclarecimento do diálogo entre textos.

Tendo em mente a noção de fluxo intertextual da tradição negra, que permite que a influência de Exu e da *Signifyin(g)* contribua para as dimensões dialógicas e conversacionais dos textos negros, considero que as relações semânticas que passam por Exu e a *Signifyin(g)* são aplicáveis à literatura negra, extrapolando, assim, as especificidades afro-americanas, tornando-se, também, utilizáveis como teoria translacional. Gruesser (2007), por exemplo, não apenas afirma que "a *Signifyin(g)* se mostra especialmente valiosa na análise de como textos de gêneros específicos respondem a outros textos" (GUESSER, 2007, p. 57), mas também considera que "a teoria pode ser aplicada de forma útil a textos fora da tradição literária afroamericana" (GRUESSER, 2007: p. 57), na qual foram originalmente escritos. Gruesser amplia sua compreensão do assunto, certificando que "a *Signifyin(g)* é um conceito retórico exclusivamente negro, completamente textual ou linguístico, pelo qual uma segunda afirmação ou figura repete, metaforiza ou inverte a primeira." (GRUESSER, 2007, p. 14-15).

A primeira prova da correção conceitual do meu projeto encontra-se na afirmação de Gruesser (2007) de que a *Signifyin(g)* é "um conceito retórico puramente negro". Minha discussão diz respeito aos dois textos negros de Adichie, a versão original *The Arrangers of Marriages* e sua versão traduzida *Os Casamenteiros*. Além disso, a segunda afirmação do autor explicita a qualidade "completamente textual ou linguística" da *Signifyin(g)*, porque as duas versões do conto são igualmente textuais e linguísticas. Por fim, a terceira prova recai na afirmação "uma segunda afirmação ou figura repete, metaforiza ou inverte a primeira", com a qual Gruesser afirma que o diálogo entre os dois textos destaca a repetição, a metaforização e a diferença entre as duas narrativas envolvidas no diálogo. Em suma, do ponto de vista de Gruesser, africanidade, textualidade, linguagem, repetição e diferença são os elementos que podem contribuir com o fato de que a *Signifyin(g)* funciona plenamente como uma teoria para a análise da tradução literária negra. A caracterização de Gruesser da *Signifyin(g)* de Gates (1988) como um processo intertextual de "chamada-e-resposta", marcado pela repetição, imitação, revisão e pela diferença entre dois textos, corrobora meu propósito de transformar o conceito de Gates (1988) em teoria tradutória. No entanto, uma descrição mais eficaz da passagem do conceito do campo literário para a arena da tradução reclama a contribuição de

Lefevere (2004), um importante pensador dos estudos da tradução, que caracteriza o processo tradutório como o encontro entre a escrita e a reescrita. Na companhia de Bassnett (2004), no prefácio do livro, Lefevere enfatiza o contato entre a escrita original e sua transferência para outras línguas, ou a segunda escrita. Ele explica que “a tradução é, certamente, a reescrita de um texto original. Toda reescrita, seja qual for a sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que funcione dentro de uma dada sociedade e de uma determinada forma.”(LEFEVERE, 2004, p. 11). Lefevere não o diz explicitamente, mas suponho que sua ideia de manipulação textual por parte da reescrita implique, por razões ideológicas e poetológicas, a presença de imitação, repetição, revisão e diferença em seu processo de devir. Lefevere complementa sua ideia dizendo posteriormente que “escritores se adaptam, manipulam em certa medida os originais com que trabalham, geralmente para encaixá-los na corrente ou em uma das correntes ideológicas ou poetológicas dominantes de seu tempo.” (LEFEVERE, 2004, p. 23). Consequentemente, o processo dialógico que persiste entre um texto precedente e outro texto por vir, aquilo que Gates (1988) chama de “diálogo”, Gruesser denomina “afirmação” e Lefevere intitula “manipulação”, é o que caracteriza a ideia de uma teoria da tradução neste estudo.

Ao enfatizar a ideia de que o diálogo, a afirmação e a manipulação intertextuais sustentam a proposta de uma teoria da tradução que me interessa, gostaria de explicar as três categorias que a caracterizam, englobadas pelos conceitos *Paralatio*, *Similatio* e *Translatio*, tal como sua conceituação inicial em 2013. Naquele ano, pensei neles de uma perspectiva tripla, ansioso porsuperar, por meio da *Translatio*, a potencial oposição binária que ocorre entre a *Paralatio* e a *Similatio*. Desta forma, os três conceitos linguísticos seguem a trilha translatória de Exu – como o fazem *Negrice*, *Negritude*, *Negritice* – o tradutor negro prototípico, de que “dois, isso torna-se três”. Assim, a dualidade de *Paralatio* e *Similatio*, somadas, tornam-se *Translatio*. Detalhando cada um desses três termos, podemos começar explicando que, no processo de tradução linguística, o aspecto mais relevante da *Paralatio* é a distinção e a diferença que faz aparecer entre o texto-fonte e sua versão final, fenômeno de reescrita liderado pela ideia de paráfrase, que pode ser denominado de tradução parafrasal. Ao reunir a primeira parte do termo **PARAphrase** (PARA) e a segunda metade da palavra **transLATIO** (LATIO), consegui criar o neologismo **PARALATIO**. A *Paralatio*, então, como teoria da tradução textual, baseia-se na ideia de um tradutor ser livre para manipular, interferir ou parafrasear o processo de tradução de forma que responda às suas inclinações

ideológicas ou poetológicas pessoais, ou se coadune àquelas que são decisivas em termos de espaço, tempo e recepção. Para Schleiermacher (1992), a paráfrase intertextual tende a adicionar, limitar ou expandir os elementos linguísticos buscando encontrar a palavra ou expressão certa para uma situação de tradução específica. Ele resume sua posição em relação à paráfrase, apontando que, numa tradução parafrasal, ou paralática, como é pensada aqui, “o tradutor deixa o leitor sozinho tanto quanto possível e leva o escritor em direção ao leitor.” (SCHLEIERMACHER, 1992, p. 42).

5. A *Negrice* do Afropolitano Bell e a *Paralatio* de *The Arrangers of Marriage/Os Casamenteiros*

Como a partir daqui, ao deixar de lado *Negritude* e *Negritice* e suas íntimas conexões translacionais com *Similatio* e *Translatio*, delineadas em parágrafos anteriores, a ênfase da minha análise incide sobre as relações translatória de *Negrice* e *Paralatio*. Por isso, enfatiza-se, uma vez mais, que na abrangência do processo de *chamada-e-resposta* que envolve tanto a diferença interracial quanto a distinção interlingual, de um lado a *Negrice* explica o sujeito negro que busca a cultura branca; do outro, a *Paralatio* avalia a língua de chegada que recebe e domestica o texto que chega à língua de recepção. Em outras palavras, enquanto a *Negrice* favorece a recepção racial associada ao negro migrante, a *Paralatio* privilegia a recepção linguística ligada ao texto negro que migra. Para o negro que migra para o mundo branco é a branquidade, por meio de seu funcionamento racial regulador hegemônico, que controla e regula a vida do migrante afro-descendente. Da mesma forma, no que diz respeito ao texto negro que se desloca de uma língua para outra, são a regulação e o controle linguísticos da língua de recepção que comandam o texto que chega. Nos seguintes excertos extraídos de *The Arrangers of Marriage*, de Adichie, o encontro da *Negrice* com a *Paralatio* sinaliza a passagem da *Signifyin(g)* do status literário original, como uma teoria crítica, para a dimensão tradutória, como uma teoria translacional, contribuindo, assim, para a eficácia de uma dupla análise avaliativa. Nesta perspectiva analítica, por um lado, o afropolitano Bell mostra-se totalmente dominado por um sentimento de identificação incontrolável com a branquidade em Nova York; por outro, a língua inglesa do original se encontra rendida ao controle das peculiaridades linguísticas do português brasileiro de *Os Casamenteiros* (2017), como versão reescrita da escrita inglesa, sob o *desideratum* do processo de tradução em ação.

Sob o escrutínio crítico e avaliativo de Chinaza, o primeiro excerto caracteriza a *Negrice* do marido Bell, matizada por sua identificação total com as normas culturais e sociais da existência em Nova York, visível na forma como ele – o marido – conforma sua vida e adapta sua experiência às expectativas estrangeiras que o circundam.

I-NEGRICE: “Americans say busy, not engaged,” he said. (170) (...) “Americans don’t drink their tea with milk and sugar.” (...) I got used to the way things are done here a long time ago. You will too, baby.” (171) (...) “You should say ‘Hi’ to people here, not ‘You’re welcome.’ (...) Everybody says hi.” (...) “I’m not called Ofodile here, by the way. I go by Dave,” (...) “The last name I use here is different, too. Americans have a hard time with Udenwa, so I changed it.” (...) “It’s Bell.” (172) (ADICHIE, 2010, p. 170-172)

PARALATIO: “Os americanos dizem ‘ocupado’ não ‘em comunicação’”, disse ele. (...) Os americanos não fazem chá com leite e açúcar.” (...) “eu me acostumei com o jeito daqui há muito tempo. Você também vai se acostumar, amor.” (184) (...) “Você deve dizer ‘oi’ para as pessoas aqui, não ‘você é bem-vinda’” (...) “Todo mundo diz oi.” (...) “Ninguém me chama de Ofodile aqui, aliás. Eles me chamam de Dave.” (...) “O sobrenome que eu uso aqui é diferente também. Os americanos têm dificuldade em dizer Udenwa e, por isso, eu mudei.” (...) “Bell.” (185) (ADICHIE, 2017, p. 184-185)

Inicialmente, Chinaza avalia como Bell associa sua assimilação do tipo *Negrice* ao estilo de vida anglo-americano através do processo repetitivo e sistemático de corrigir o uso inapropriado, em sua visão, do inglês de Chinaza, a nova esposa que traz da Nigéria. Bell corrige Chinaza quando ela usa “em comunicação” em vez de “ocupado” para relatar que o telefone não está livre. Adicionalmente, ele a ensina a dizer “oi” no lugar de “você é bem-vinda”, ao receber uma pessoa em casa. Além de corrigir Chinaza no uso do inglês americano que tanto aprecia, o marido Bell ensina-a sobre a etiqueta alimentar americana, explicando a ela que “os americanos não fazem chá com leite e açúcar.” A *Negrice* de Bell mostra à jovem esposa nigeriana o quanto ele acredita estar adaptado e integrado ao estilo social e linguístico da vida americana e o quanto se sente confiante em amá-la, confortando-a com a ideia de que ela se acostumará com tudo isso como ele próprio se acostumou com a maneira como as coisas são feitas na cidade. No entanto, sua maneira de se adaptar ao estilo de vida anglo-americano de Nova York parece ter sido uma conquista pessoal que ele alcançou fazendo concessões. A concessão mais visível aparece na decisão de mudar os próprios nome e sobrenome nigerianos para alternativas americanas. Concretamente, o nigeriano substitui

Ofodile por Dave e Udenwa por Bell. Como resultado, o nigeriano Ofodile Udenwa que deixa África torna-se, em Nova York, o médico Dr. Dave Bell. Bell justifica a mudança de nome dizendo a Chinaza que “os americanos tinham dificuldades” com o meu sobrenome Udenwa. A americanidade que o novo Bell está disposto a conquistar – e deseja que sua esposa possua ou desenvolva, também – é valor altamente sedutor para este afropolitano. A partir da visão crítica de Memmi (2007) do colonizado assimilacionista, a desejada americanidade que toma conta da vida de Bell, na tentativa de obter sucesso em um país, ou em cidade estrangeira como Nova York, se revela “um modelo tentador e muito próximo [que] se oferece e se impõe a ele: precisamente a do colonizador,” fazendo com que o colonizado Bell queira “mudar de condição mudando de pele” (MEMMI, 2007, p. 162) e de cultura.

Da mesma forma que a *Negrice* do afropolitano Bell pretende torná-lo racialmente diferente de outros nigerianos e negros de sua vizinhança – Chinaza, igualmente – ao identificá-lo com a cultura anglo-americana de Nova York, a *Paralatio* patrocina uma distinção interlinguística entre a versão original e o texto traduzido da narrativa curta de Adichie (2010). No processo de reescrita deste excerto específico, a tradutora brasileira distingue a língua A da língua B, no plano da sinonímia lexical. No ambiente sinonímico das palavras, a tradutora transforma as palavras [*baby*] e [*so*] em [*amor*] e [*por isso*], respectivamente. Quando lida com as locuções, Romeu faz [*long time ago*] e [*hard time with*] chegar ao português como as orações [*há muito tempo*] e [*dificuldade em dizer*], e [*last name*] como [*sobrenome*]. Mais adiante, em relação às sentenças, Romeu transfere para a nossa língua [*engaged*] e [*the way things are done here*] como as locuções [*em comunicação*] e [*o jeito daqui*]. Além disso, a tradutora brasileira estabelece diferenças tradutórias entre orações originais [*don't drink*], [*I'm not called*] e [*I go by Dave*] e suas correspondentes brasileiras [*não fazem*], [*ninguém me chama*] e [*eles me chamam de Dave*]. Essa liberdade de se valer da diferenciação linguística e sintática no processo de tradução que caracteriza o processo tradutório de Romeu, com base no distanciamento textual entre os dois excertos em análise, replica a noção de diferença tradutória tão cara a Chesterman (1997). Chesterman considera que os textos (ideias e línguas, também) “se propagam e mudam à medida que são traduzidos. (...) Nesse sentido, o tradutor não é aquele que tem como função conservar algo, mas propagar algo, difundir e desenvolver: os tradutores são agentes de mudança. Os tradutores, de fato, constroem diferenças.” (CHESTERMAN, 1997: p. 02) O autor argumenta, ainda, que

“a tradução livre tende a priorizar a equivalência funcional”, o que vincula as pessoas à ideia de que “os tradutores têm o direito de traduzir exatamente como se sentem, explorando uma ampla gama de relações entre a origem e o alvo”(CHESTERMAN, 1997, p.13), entre escrita e reescrita, entre línguas ou culturas.

No segundo trecho, Chinaza expande o caráter assimilador do marido Bell do estilo de vida americano que foi iniciado no excerto anterior.

II-NEGRICENESS: You don’t understand how it works in this country. If you want to get anywhere you have to be as mainstream as possible. If not, you will be left by the roadside. You have to use your English name here.” (...) You’ll get used to it, baby.” (...) “You’ll see.” (...) When he filled out a Social Security number application for me the next Day, the name he entered in bold letter was AGATHA BELL (*sic*). (ADICHIE, 2010, p. 172-173)

PARALATIO: “Você não entende como as coisas funcionam neste país. Se você quiser chegar a algum lugar, tem que ser o mais normal possível. Se não for, vai ser largada na beira da estrada. Tem que usar seu nome inglês aqui.” (...) “Você vai se acostumar, amor.” (...) “Pode acreditar.” (...) Ao preencher um formulário para requerer meu número de seguridade social no dia seguinte, o nome que ele colocou em letras maiúsculas foi AGATHA BELL (*sic*). (ADICHIE, 2017, p. 186)

Para ser eficaz, a *Negrice* de Bell não trabalha apenas para ele, mas é colocada a serviço de sua nova esposa Chinaza, que acaba de chegar da Nigéria e, na mente do marido já americanizado, precisa primeiro se "renovar". Novamente, é Bell quem se comporta como um especialista nos valores culturais que estão em operação em Nova York. Sua reconhecida experiência nesta cultura estrangeira que já faz parte de sua vida, ele deseja que sua nova esposa, Chinaza, também adquira. Ele acredita fielmente que Chinaza tem muito a lucrar ao se integrar à americanidade vigente em Nova York. De acordo com Bell, a lição básica é que ela deve saber como as coisas funcionam na “City” se quiser ter sucesso lá. Esse aprendizado é equiparado à necessidade de ela ter um nome em inglês, além de adquirir o sotaque americano da língua. Como um homem muito prático, ele aplica praticidade em tudo o que faz para ter uma vida de sucesso em Nova York como futuro médico. Isso também se aplica à sua esposa, para quem ele consegue dar um nome americano no dia seguinte no escritório da Previdência Social ao qual se dirigem para resolver o assunto. Como resultado, Agatha Bell se torna o nome americano de Chinaza. Agindo da maneira como se comporta, Bell não apenas parece diferente de Chinaza/Agatha, mas também se distancia do Ofodile Udenwa que

costumava ser quando morava na Nigéria, antes de deixar o país para se tornar um médico na América. Parece que seu grande amor pelo tipo de vida altamente desenvolvido ao qual os americanos estão acostumados indica claramente que ele, de acordo com Helms (1990), não apenas "idealiza deliberadamente a branquidade e a cultura branca e denigre os negros e a cultura negra por meio do comportamento, bem como atitudes" (HELMS, 1990, p. 21), mas também se convence – desejando trazer Chinaza a isso – que "o esforço pessoal garante a 'passagem' para a cultura branca" e, portanto, ele "leva sua vida de maneira que acredita que ganhará sua aceitação" (HELMS, 1990, p. 22) como um bom e bem-sucedido médico da cidade.

De maneira semelhante, como a *Negrice* de Bell é a estratégia cultural que ele emprega para se tornar culturalmente semelhante aos nova-iorquinos, mas racialmente diferente de outros negros – incluindo sua nova esposa Chinaza – *Paralatio* patrocina uma distinção interlinguística entre a versão original e a traduzida da narrativa curta de Adichie, na reescrita de Romeu. A distinção reescrita entre os dois excertos é inicialmente visível nos substantivos [*baby*] e [*application*] que aparecem em português como [*amor*] e [*formulário*]. Além disso, a maneira como Romeu lida com a *Paralatio* diferenciadora inclui a transferência das expressões [*anywhere*], [*as mainstream as*], [*by the roadside*], [*the next day*] e [*in bold letter*] para o português como [*a algum lugar*], [*o mais normal*], [*na beira da estrada*], [*no dita seguinte*] e [*em letras maiúsculas*], respectivamente. Além disso, a tradutora brasileira traduz a expressão original [*if not*] como a oração [*se não for*] em português. A tradução de Romeu de fenômenos sintáticos que distanciam o excerto A do excerto B envolve as sentenças [*how it works*], [*to get*], [*you will be left*], [*you'll get used to it*], [*“you'll see”*] e [*he entered in*], que ela envia para o português brasileiro como [*como as coisas funcionam*], [*chegar a*], [*vai ser largada*], [*você vai se acostumar*], [*“pode acreditar”*] e [*ele colocou em*], respectivamente. Como vimos, através dos exemplos discutidos, a reescrita da escrita original por Romeu não apenas diferencia as especificidades linguísticas dos dois trechos, mas também torna a versão traduzida mais palatável para a compreensão dos leitores brasileiros da mensagem original. A palatabilidade da leitura, Landers (2001) argumenta, é o objetivo de uma tradução fluente ou transparente. Os tradutores fluentes ou transparentes visam "transformar a Língua A na Língua B de uma forma que deixe o mínimo de evidências possível do processo", através da qual, "um leitor pode não saber que está lendo uma tradução, a menos que seja alertado para o fato." (LANDERS 2001, p. 49)

No terceiro trecho, acompanharemos, por um lado, a manipulação cultural de Bell sobre a apropriação imposta a Chinaza das especificidades e hábitos linguísticos do inglês nova-iorquino; e, por outro, trataremos da ênfase da tradutora brasileira Romeu no distanciamento linguístico entre o trecho A e B.

III-NEGRICENESS: “Look at the people who shop here; they are the ones who immigrate and continue to act as if they are back in their countries.” He gestured, dismissively, toward a woman and her two children, who were speaking Spanish. “They will never move forward unless they adapt to America. They will always be doomed to supermarkets like this.” (ADICHIE, 2010, p. 175)

PARALATIO: “Olhe para as pessoas que fazem compras aqui. São do tipo de pessoa que emigra e continua a agir como se estivesse em seu próprio país”, disse ele, indicando com desprezo uma mulher e os dois filhos, que estavam falando espanhol. “Eles nunca vão avançar se não se adaptarem aos Estados Unidos. A sina deles é continuar comprando em supermercados com este.” (Adichie, trad. Romeu, 2017, p. 188).

Nesta análise comparativa envolvendo os dois trechos, realça-se a vigência da *Negrice* do nigeriano Bell como processo de assimilação cultural e racial. Em sua dinâmica assimilativa, o controle de Bell sobre a aculturação de Chinaza no cotidiano dos EUA abandona seu desejo pessoal de fazer com que sua esposa domine a língua inglesa e adote Agatha Bell como seu novo nome completo americano, levando-a a assumir uma identidade americana como seu modo de vida. Supervisionando o comportamento de Chinaza na esfera pública, Bell leva sua jovem esposa nigeriana a locais em que pode mostrar-lhe como os nativos americanos de Nova Iorque se comportam socialmente, para que ela possa imitá-los eficazmente e, quem sabe, passar por uma cidadã americana, futuramente. Isso se dá, seja porque Bell é um avarento, ou porque não ganha dinheiro suficiente, para gastar e comprar coisas chiques em lugares chiques. Eventualmente, eles visitam shoppings baratos nos quais ele critica fortemente o comportamento de imigrantes como compradores na cidade. A sua crítica básica contra os migrantes reside no fato de parecer estar convencido de que estes imigrantes resistem à aculturação e permanecem apegados aos hábitos e culturas que trazem dos seus países de origem. Por exemplo, em um shopping, as críticas de Bell têm como alvo principal uma mulher que fala espanhol com os filhos. Seu desprezo por eles o faz prescrever um futuro ruim para pessoas como ela e seus familiares, que estarão, em sua opinião, condenados a fazer compras em lugares baratos como este que estão visitando agora. Acreditando que é

diferente daquela mãe e prole, Bell insiste em que seus dias de compras com Chinaza nesses lugares baratos acabarão em breve, quando, então, o casal irá a shoppings chiques e comprará coisas chiques porque sua posição social como médico em Nova York será mais elevada do que é. agora. Como Bell acredita que a aculturação ingenuamente adaptativa é o elemento-chave para a sua ascensão profissional na cidade, está fazendo o seu melhor para ter sucesso. Em relação à postura de Bell, Cross (1971) argumenta que alguns negros se comportam, pensam e julgam outros negros da mesma forma que Bell os avalia porque a sua ingenuidade política os faz acreditar que “o paradigma de assimilação-integração” é o único caminho para o sucesso, sem estar conscientes que “o cruel paradoxo do negro assimilado é que, ao se tornar um bom americano, ele também se torna antinegro e antiafricano.” (CRUZ, 1971, p. 16).

A unidirecionalidade de Bell em relação aos valores culturais que ele pensa que os nova-iorquinos brancos assumem é replicada pela decisão da tradutora brasileira Romeu de equipar reescrita translatória do excerto inglês com uma unidirecionalidade equivalente em relação às especificidades linguísticas do português brasileiro. O tratamento de Romeu com a unidirecionalidade paralática começa com o tratamento linguístico que ela dá aos substantivos, cuja caracterização diferencia [ones] de [do tipo de pessoa] e distingue [America] de [Estados Unidos]. Além disso, o processo paralático tradutório de Romeu continua com ocorrências adverbiais, através do distanciamento das locuções adverbiais portuguesas [em seu próprio país] e [com desprezo] de [back in their countries] e [dismissively]. O trato que Romeu dá à tradução da sintaxe paralática mostra que ela transfere para o português as sentenças em inglês [shop], [he gestured], [they will never move forward] e [they will always be doomed to] como [fazem compras], [indicando], [eles nunca avançarão] e [a sina deles é continuar comprando], respectivamente. Por fim, o único caso de *Paralatio* pragmática aparece quando Romeu acrescenta a frase [disse ele], visando completar o sentido de uma frase traduzida, sem ter nenhum termo equivalente em inglês. Em termos teóricos, a tradução paralática, tal como aqui é vista, mostra-se um processo de tradução orientado para o texto-alvo cujo principal objetivo, entre outros, é ajudar o leitor a compreender mais facilmente a versão traduzida. Citando Nikolajeva (1996: 28), Kruger (2009) escreve que a autora “também deixa evidente a sua preferência orientada para o alvo: 'não somente é permitido, mas também altamente desejável desviar-se do texto de origem se isso for exigido quando se deseja a melhor resposta do leitor.'” (KRUGER, 2009, p. 167);].

6. Conclusão ligeira

Por limite de espaço, decidi limitar, neste artigo, a análise a três dos cinco excertos associados ao estudo da *Negrice* e *Paralatio*. A limitação, não entanto, não compromete a proposta, mas permite que o leitor tenha uma compreensão abrangente do escopo do trabalho. Sobre os dois excertos excluídos pode-se dizer que dão sequência, de um lado, ao desenvolvimento à busca pessoal do nigeriano Dave Bell de ampla identificação com a cultura anglo-americana presente na cidade de Nova York; do outro, ao olhar crítico de Chinaza sobre a maneira como o marido afropolitano se deixa seduzir, de forma acrítica, pelos valores sociolinguísticos presentes na sociedade local. Só para ilustrar a percepção crítica com a qual Chinaza avalia a *Negrice* de Bell, basta esclarecer que Bell demonstra desprezo pelo migrante que insiste em continuar usando sua língua nativa na cidade, como fazem alguns latinos, apegando-se ao espanhol. Ainda, seu encanto com a versão estadunidense da língua inglesa manifesta-se na maneira como Bell procura aproximar seu inglês do dialeto novaiorquino. Neste aspecto, Chinaza enfatiza que o marido “soava diferente quando falava inglês com americanos: exagerava os ‘r’ e não pronunciava direito os ‘t’.” (ADICHIE, 2017, p. 189) Chinaza encerra sua avaliação crítica em relação à postura assimilacionista do marido que impõe a ela uma enciclopédia culinária contento uma seleção da dieta americana, recomendando que ela a estude e replique alguns daqueles pratos nas refeições do casal, para evitar que o cheiro de comida estrangeira se espalhe pelos corredores e apartamentos vizinhos. Bell conclui, com uma palavra de otimismo sobre o futuro culinário da esposa, dizendo: “sei que daqui a pouco você vai saber fazer uma ótima comida americana.” (ADICHIE, 2017, p. 189)

Como complemento teórico-prático da *Negrice*, a presença da *Paralatio* nos dois excertos ausentes do artigo se assemelha à exemplificação arrolada, analisada e discutida nos três excertos utilizados. Os casos paraláticos vão de elementos lexicais a orações completas. No âmbito dos distanciamentos lexicais entre o inglês e o português, encontram-se os termos [*America*] e [*Estados Unidos*]. Ademais, as diferenças sintáticas entre as duas línguas fazem paralelo, de um lado, entre [*they will always be doomed to*] e [*A sina deles é continuar*], do outro, entre [*he spoke to Americans*] [*falava inglês com americanos*] e, finalmente, entre [*you’ll soon master*] e [*você vai saber fazer*]. Aqui, o desejo deste comentarista de avançar da exemplificação para análise mais ampla procura colocar ênfase na *Negrice* de Bell e enfatizar

a *Paralatio* dos dois excertos analisados. Todavia, minha postura especulativa a respeito da *Signifyin(g)* como africanidade textual falante não se completa aqui. Ao contrário, exige que seu escopo em relação aos seus aspectos teóricos e práticos avance para mais dois artigos futuros: um, para dar conta da *Negritude* em paralelo à *Similatio*, através da maneira como a personagem Nia, Afroamericana vivendo em Nova York, afirma e reafirma a cultura negra estadunidense; outro, para lidar com a *Negrice* na companhia da *Translatio*, com foco na maneira como Chinaza procura amalgamar sua cultura nigeriana com os valores negros estadunidenses, com vista a tornar-se mulher afropolitana consciente da sua dupla ou tripla consciência. Assim, o futuro terceiro artigo vislumbra a possibilidade da visão trinitária que Gates (1988) esposa sobre Exu, quando afirma que,

Se a pluralidade compreende uma forma de poder de Exu, uma segunda forma é seu poder de conectar as partes. Exu é a soma das partes, bem como aquilo que conecta as partes. (...) O absoluto mais fundamental de Iorubá é que existem, simultaneamente, três estágios de existência: o passado, o presente e o não-nascido [futuro]. Exu representa esses estágios e torna possível sua existência simultânea (...) pelo Iorubá [conceito] de que “*dois, isso torna-se três*.” (GATES 1988: p. 37).

Em suma, gostaria de me valer da noção de pluralidade e conexão das partes associadas ao orixá Exu pelo crítico literário afro-americano Gates (1988) para reafirmar que a soma do original e do traduzido, do idioma A e B, da escrita e reescrita, desemboca nas conexões entre *Negrice* e *Paralatio*. Nos dois próximos artigos, a pluralidade e a dualidade de Exu avançarão para a triplicidade, os quais somarão à *Negrice*, de um lado, a *Negritude* e *Negrice*; do outro, adicionarão à *Paralatio* a *Similatio* e a *Translatio*. Assim, a trindade lingual-translatória e a triangulação racial-tradutória redimensionarão o *motto* da filosofia Iorubá, segundo a qual, em Exu e com ele, “*dois, isso se torna três*”, com base na construção de aspectos de imitação, revisão, repetição e diferença tropológicas.

Referências

ADICHIE, C. N. Os Casamenteiros. Tradução de Júlia Romeu. In: ADICHIE, C. N. **No seu pescoço**. São, Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 180-200.

ADICHIE, C. N. The Arrangers of Marriage. In: ADICHIE, C. N. **The thing around your neck**. New York: Anchor Books, 2010, p. 167-186.

BASTIDA-RODRIGUEZ, P. Afropolitan in their own way? Writing and self-identification in Aminatta Forna and Chika Unigwe. *In: DURÁN-ALMARZA, E.M.; KABIR, A.J.; GONZÁLEZ, C. R. (eds.). Debating the Afropolitan*. New York: Routledge, 2019, p. 23-37.

BAUM, C. Orelha. *In: ADICHIE, C. Sejam todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CHESTERMAN, A. **Memes of translation**: the spread of ideas in translation theory. Philadelphia: John Benjamins, 1997.

GATES, H. L, Jr. **The signifying monkey**: a theory of African-American literary criticism. Oxford: Oxford University Press, 1988.

GRUESSER, J.C. **Confluences**: postcolonialism, African American, and the black atlantic, London: The University of Georgia Press, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HELMS, J. E. **Black and white racial identity**. London: Praeger, 1990.

KRUGER, H. The concepts of domestication and foreignization in translation of children's literature in the South African educational context. *In: INGSS, J.; MEINTJES, L. (eds.). Translation Studies in Africa*. New York: Continuum International Publishing Group, 2009, p. 161-179.

LANDERS, C. **Literary translation**: a practical guide. Sydney: Multilingual Matters LTDA, 2001.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Bauru: EDUSC, 2004.

LI, S. **Pan-African American literature**: signifyin(g) immigrants in the 21st century. London: Rutgers University Press, 2018.

MARTINS, J. E. Negritice: repetição e revisão. *In: MARTINS, J. E. O Olho da cor: uma peça em três atos*. Blumenau: Edição do Autor, 2003, p. 13-18.

MARTINS, J. E. **Tradição, migração, tradução**: triangulações raciais e linguais na literatura afrodescendente traduzida no Brasil. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2013.

MBEMBE, A. Afropolitanismo. *Áskesis*, v.4, n.2, p. 68-71, 2015.

MORRISON, T. **Le Chant de Salomon**. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1996.

ROMEY, J. Orelha. *In: ADICHIE, C. No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SELASI, T. Bye-Bye Babar. **The LIP**, 3 March 2005. Disponível em:
<http://thelip.robertsharp.co.uk/p.76>.

TOIVANEN, A-L. Cosmopolitanism's New Clothes? The Limits of the Concept of Afropolitanism. *In*: DURÁN-ALMARZA, E.M.; KABIR, A.J.; GONZÁLEZ, C. R. (eds.). **Debating the Afropolitan**. New York: Routledge 2019, p. 83-99.